

Escrita e experiência na obra de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934)

JUSSARA PARADA AMED*

“Era capaz de passar a vida lendo, mas uma dona de casa não pode perder tanto tempo. E até fico nervosa quando vejo livros por abrir. Seria tão agradável gastar a existência lendo!... Quem entretanto cuidaria dos filhos, dos arranjos da casa?” (RIO, 2006:31)

Com o propósito de entrevistar escritores e saber o que estes pensavam acerca do jornalismo, conhecer as obras que influenciaram suas escritas, quais livros mais gostaram de escrever, Paulo Barreto, mais conhecido como João do Rio entrevistou Júlia Lopes de Almeida (1862 – 1934) para *O momento literário*.

Nos primeiros anos do século XX a escritora morava no bairro de Santa Tereza na cidade do Rio de Janeiro, a esta altura casada com o poeta Francisco Filinto de Almeida, tinha quatro filhos e autora de doze obras publicadas. Transparecendo ser um momento descontraído e acolhedor, João do Rio também procurou saber junto à romancista quando começou escrever, como escrevia e ordenava sua vida de escritora com as tarefas de casa.

Primeiramente Júlia revela que quando jovem, escrevia sentindo um grande prazer, mas fazia-o escondida, trancava-se em seu quarto, abria a escrivaninha e criava o seu mundo à parte. Quando descoberta por sua irmã caçula e denunciada para seu pai, Júlia temeu por seu futuro ao ver a folha nas mãos deste, “A folha branca crescia nas suas mãos, tomava proporções gigantescas, as proporções de um grande muro onde na minha vida acabara a alegria...” (RIO, 2006:28)

Passado o constrangimento, com apoio do próprio pai Dr. Valentim José da Silveira Lopes (1830-1915), Júlia passou a escrever para jornais, depois revistas e livros. Gostava de escrever, no entanto por que tanto receio de ser descoberta? Em sua casa paterna existia o incentivo à leitura, salões eram realizados com a presença de

poetas, escritores, músicos, portanto, um meio receptivo ao conhecimento. Mesmo assim, a escritora justificava que não era comum às mulheres escrever. Ler, recitar poesia e tocar piano significava mostrar seus dotes junto à sociedade, demonstrando ainda delicadeza e sensibilidade junto ao conhecimento, mas para a entrevistada, em sua juventude, escrever era um muro a ser transposto.

De saúde frágil, a romancista não freqüentou escola regularmente apesar de seu pai ser proprietário e professor do Colégio Humanitas para meninas nas proximidades de sua casa. Nestas condições, Júlia aprendeu a ler em casa com sua irmã mais velha Adelina, teve professores particulares de francês e inglês, aprendeu música com sua mãe, e orientações literárias com seu pai.

Era comum para algumas famílias com alguma renda, os filhos serem educados em casa pelos irmãos mais velhos, pais ou tutores. De origem portuguesa, Valentim José da Silveira Lopes era casado com Antônia Adelina Pereira e antes de viverem no Brasil, ambos haviam passado por experiências junto à educação em seu país de origem, o que significou para o casal, maior facilidade para alfabetizar e orientar os estudos de seus filhos.

Enquanto parte da família Silveira residia no de Rio Janeiro na metade do século XIX – D. Antônia, seu filho mais velho e Adelina – Valentim Silveira Lopes, realizou estudos em medicina na Alemanha. Em seu regresso, após o nascimento de Júlia, Valentim com convicções liberais e republicanas, trocou a capital, transferindo-se com a família para a cidade de Campinas (1869).

Acolhida pela sociedade campineira e partilhando das mesmas idéias políticas, a família Silveira Lopes oferecia sua residência para a realização de salões artísticos e literários, inclusive colaborando com artigos nos jornais da cidade.

Doze anos mais velha que Júlia, Adelina Silveira Lopes quando se casou, passou a residir no Rio de Janeiro criando uma sociabilidade junto ao meio intelectual. Também escritora, conhecia o diretor da revista literária *A Semana*, Valentin Magalhães e através deste, apresentou à Júlia em 1885, aquele que seria seu futuro marido, Filinto de Almeida.

Em 1886 a família Silveira Lopes fez sua primeira viagem à Portugal, ainda solteira mas enamorada por Filinto, Júlia partiu com sua família paterna para a Europa

lá publicando às suas expensas, seu primeiro livro de contos: *Traços e Iluminuras*. Enquanto viabilizava a publicação de seu livro de contos, Júlia vinha colaborando em diversos jornais e almanaques tanto no Brasil como em Portugal. De grande intensidade na escrita, Júlia preparava seu primeiro romance, uma obra que continha muito de sua própria biografia e convicções ideológicas, a autora escrevia, *Memórias de Marta*.

Encerrado o ano de 1887, Filinto e Júlia casaram-se em Portugal e em 1888 retornaram ao Brasil. Fixando moradia no Rio de Janeiro e assinando com o sobrenome de casada, Júlia Lopes de Almeida publicou seu romance em folhetim e posteriormente em livro no ano de 1889 pela Casa Durski Editora, localizada em Sorocaba.

Memórias de Marta era um romance que incorporando características do realismo-naturalista, nele a romancista já apontava para a importância que atribuía à educação escolar como meio de transformação individual e social. Nossa autora entendia que a miséria social era degradante para o ser humano, e através do trabalho e educação, se combateria a degeneração moral da sociedade recuperando assim, alguma dignidade.

Em nota manuscrita referente ao romance, a própria autora relacionava cenas e personagens com a realidade vivida por ela:

“A adjunta Marta não será por ventura a mesma pobre D. Marta que ajudou minha irmã Adelina a ensinar-me as primeiras letras? Creio bem que sim. As cenas brutas do livro, o pequeno alcoólico, foram pressentidas através do muro que dividia o meu colégio de um movimentado cortiço de São Cristóvão. Aquele ambiente inspirou minha sensibilidade de menina [...]”. (ALMEIDA, 2007:14)

Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) foi uma escritora reconhecida pelos romances e contos escritos na virada do século XIX para o século XX, tivera a chance de escrever contos e romances para diferentes jornais e revistas, publicando-os nas cidades do Rio de Janeiro, Campinas e São Paulo.

Grande parte de sua obra se alimentava de sua própria experiência passada ou eram inspiradas pelo momento que vivia, por exemplo, *Memórias de Marta*, os romances, *Família Medeiros* (1892, data de publicação em jornal) ou *A Falência* (1901), escritos em períodos distintos, foram escritos no período da Abolição e do Encilhamento respectivamente, abordando tais questões. Júlia ajustava seu trabalho

como escritora ao seu cotidiano nos cuidados da casa e educação dos filhos, marcando com estas características a lembrança de seus amigos mais próximos.

Quando solteira e orientada por seu pai na literatura portuguesa, Júlia apreciava a leitura de Camilo, Júlio Diniz, Alexandre Herculano, Eça de Queiros, sendo este último escritor um marco para a autora, inclusive pela estrutura das narrativas e estilo nos romances e contos. Júlia desbravava o seu presente através de diferentes planos de sua sociedade. Ainda ligada à produção literária portuguesa, a escritora se utilizou em suas primeiras obras a presença da linguagem lusitana, posteriormente se desprendendo desta.

Quanto a recepção de Júlia junto aos leitores de sua época, assim se expressou a crítica literária Lúcia Miguel Pereira, a respeito de Júlia Lopes, em conhecida síntese da literatura da *belle-époque* brasileira: [...] “figura entre as mulheres escritoras de sua época, não só pela extensão da obra, pela continuidade do esforço, pela longa vida literária de mais de quarenta anos, como pelo êxito que conseguiu, com os críticos e com o público”. (PEREIRA, 1973: 270)

Quando poucas mulheres tinham a chance de escrever e falar ao público o que pensavam, com dificuldades de penetrar numa área literária majoritariamente ocupada por homens e relativamente permeada por difusa misoginia, Júlia publicou o seu primeiro artigo na *Gazeta de Campinas* com 19 anos, marcando assim, o início de sua carreira como escritora.

Mesmo sendo restrito o público de leitores em sua época, foi autora de numerosos romances: *Memórias de Marta*, 1889; *A família Medeiros*, 1919; *A viúva Simões*, 1897; *A falência*, 1901; *A intrusa*, 1908; *Cruel amor*, 1911; *Correio da roça*, 1913; *A casa verde*, 1932; *A Silveirinha*, 1914. Escreveu contos: *Contos infantis*, 1886; *Traços e iluminuras*, 1887, *Ânsia eterna*, 1903; *Histórias da nossa terra*, 1907; *Era uma vez*, 1917; *A isca* – quatro novelas – 1922. Júlia ainda deixou crônicas publicadas como: *Livro das noivas*, 1896; *Livro das donas e donzelas*, 1905; *Eles e elas*, 1910, livro sobre jardinagem: *Jardim florido*, 1922; peças de teatro, realizando ainda, traduções de contos, e conferências.¹

¹ Afrânio Coutinho. *Enciclopédia da literatura brasileira*. Rio de Janeiro. Fundação Biblioteca Nacional: Global.2001 e Júlia Lopes de Almeida. *Memórias de Marta*. Atualização dos textos, introdução,

Ainda de acordo com Lúcia Miguel Pereira, [...] “todos os livros foram elogiados e reeditados, vários traduzidos, sendo que se consumiu em três meses a primeira tiragem da Família Medeiros de 1892”. (PEREIRA, 1973:270)

O inglês Laurence Hallewell, noutra síntese histórica sobre o livro brasileiro e seu processo editorial, realçou a produção de Júlia Lopes de Almeida, enfatizando a intensidade de reedições de alguns de seus títulos:

“Seus *Contos infantis* (1886) e *Viúva Simões* (1897), foram ambos publicados em Lisboa. A Garnier publicou *Ânsia eterna*, em 1903, a *Intrusa* (1908), *Eles e elas* (1910) e *Correio da roça* (1913) saíram pela Alves, que continuou a reeditar suas obras anteriores até a terceira edição de *Amor cruel*, em 1928, apesar de Leite Ribeiro ter publicado a *Isca*, de 1922. Na década de trinta, ela foi editada pela Cia. Editora Nacional e *A Casa verde* em 1932”. (HALLEWELL, 1985: 221)

Ainda, segundo o mesmo autor, em comparação com outros escritores que se distinguiam pela oferta mais volumosa de obras, a escritora também se destacava como a única entre Coelho Neto e Afrânio Peixoto a “consequir algum êxito continuado”. (HALLEWELL, 1985: 235)

Já a historiadora, Maria de Lourdes Eleutério, em obra recente, *Vidas de Romance*, passou em revista a produção de mulheres escritoras no final do século XIX até a década de 30 do século XX. Além de pontuar a extensão das obras de Júlia Lopes, Eleutério reforçou o fato de ser incomum escritoras possuírem obras reeditadas tantas vezes. Destacamos a ênfase que a historiadora deu para a literatura infantil produzida por Júlia Lopes:

“*Contos infantis*, escrito em conjunto com sua irmã Adelina, foi publicado em 1886 e chegou a ter três edições sucessivas, cada qual com 5.000 exemplares, perfazendo ao longo dos anos 17 edições, foram aprovadas pela Instrução Pública da capital da República e em vários estados”. (ELEUTÉRIO, 2005:74)

Temos como uma de nossas hipóteses de que vários fatores convergiram para a aceitação e penetração das obras da escritora Júlia Lopes. Além de ser mulher, utilizava-se de recursos lingüísticos simples e diretos ao abordar temas comuns e cotidianos com naturalidade em seus romances, bem como, apresentava uma grande variedade de temas para diferentes faixas etárias. A autora escrevia desde contos infantis para crianças em fase escolar, como romances intrincados com dilemas amorosos e ruínas familiares,

cronologia e notas de Rosane Saint-Denis Salomoni. Santa Cruz do Sul – Edunisc. 2007.

passando por discussões da política e rumos republicanos. Para as noivas dava aconselhamentos sobre a maternidade, cuidados com a economia doméstica; produzindo livros que forneciam rudimentos para organização de uma horta ou jardim à temas mais complexos como o aproveitamento das terras, utilização de técnicas modernas para melhor rendimento do solo, sempre para um público feminino adulto.

Como apontamos brevemente, a escritora era lida em sua época, mesmo com o reduzido número de alfabetizados. Possivelmente um dos recursos que a escritora tinha ao seu alcance, era a constatação da reedição de seus livros, dado fundamental para Júlia ponderar acerca dos temas que mais atraíam ao seu leitor. Segundo ela própria, havia uma necessidade de preencher vazios editoriais. Suspeitamos também que possivelmente, pelo fato da escritora ser casada com Filinto de Almeida – sócio proprietário do jornal *A Semana* e membro da Academia Brasileira de Letras – e ter amizade próxima com o editor Francisco Alves e Afrânio Peixoto, então diretor do *Jornal do Comércio*, e ainda convivendo com intelectuais reconhecidos, inseridos nos mesmos meios – permitia que ela tivesse maior sensibilidade ao difuso universo do leitor e do livro. Júlia amealhou em seu convívio, pessoas que lidavam continuamente com o mercado editorial, propiciando a ela uma reflexão mais acurada das dimensões e dilemas deste meio e mercado.

Outro aspecto de destaque para a análise das obras de Júlia Lopes relaciona-se a produção feminina na escrita. Constatou-se na ampla literatura especializada, uma farta e significativa produção contemporânea voltada para obras de gênero que dissertam acerca da importância da presença deste segmento literário do início do século.

Maria de Lourdes Eleutério procurou resgatar a produção literária de mulheres entre os séculos XIX e XX, concentrando-se na literatura de gênero. A historiadora procurou demonstrar a crescente produção feminina, mas indicou em contrapartida, as dificuldades deste segmento em conseguir publicar seus primeiros poemas, romances, contos em jornais ou até mesmo receber um convite para realizar conferências. Daí as escritoras criarem pequenos artifícios como encontro com editores de livros ou jornais em salões ou ainda presenteá-los com sua obra no formato de um livro com dedicatória. (ELEUTÉRIO, 2005: 78). Tal prática indicava que mesmo com a expansão de algumas cidades, as mulheres tinham dificuldade de acesso aos locais públicos de sociabilidade

intelectual, assim era necessário por vezes, recorrer a suas teias de amizades, prestígio de parentes, provavelmente com a intenção de maior aproximação e apresentação á este circuito cifrado.

J. Needell, apesar de não se concentrar na obra de gênero, menciona que Júlia Lopes, já casada com Filinto de Almeida, organizava salões em sua residência no morro de Santa Teresa. Em seu salão, contava-se com a presença freqüente dos pintores Antonio Parreiras e Amoedo, dos poetas e escritores Olavo Bilac, Afrânio Peixoto, Coelho Neto entre outros. (NEEDELL, 1993:159)

Norma Telles, também preocupada com o resgate de escritoras no mesmo período, investigou o esforço que as escritoras fizeram para romper com os estereótipos e silêncios impostos às mulheres. Pela sua perspectiva, “a construção de gênero é ao mesmo tempo o resultado de um processo de representação e de auto-representação. Trata-se então, não só de descobrir o passado, mas de encontrar uma nova forma de se relacionar com ele”.²

Leonora de Lucca, em artigo *Feminismo e Iluminismo em Júlia Lopes de Almeida*, realizou um levantamento bibliográfico na área literária. Entendemos que sua pesquisa colaborou principalmente para uma maior compreensão biográfica de Júlia. Compreendemos que a escritora Júlia, entendia que a modernidade compulsoriamente atingia a estrutura familiar, atingindo em especial as mulheres, reordenando suas dinâmicas familiares, redefinindo seus espaços e papéis para a sociedade brasileira como um todo.

Nossa proposta procura analisar, como Júlia estabelecia em seus romances, crônicas e contos suas convicções e proximidade à sua época. Num período em que ainda poucos liam no Brasil, o país se adequava á uma nova dinâmica econômica ocidental, cujas populações urbanas cresciam e novas ofertas de trabalho eram atraentes para brasileiros e estrangeiros, mas em especial para as mulheres que também se sentiam atraídas e compelidas pelo novo mercado de trabalho urbano.

Gradativamente, com o desenvolvimento urbano as mulheres alfabetizadas foram ocupando funções em comércio e cargo de professoras no magistério. Em particular as

² Norma Telles. *Fragments de um mosaico: Escritoras no século XIX*.

escritoras, estas buscavam caminhos para publicar suas obras, observando o público infantil e de mulheres que lia romances, contos em jornais e revistas, como um indicativo do crescimento editorial.

Entendemos que a recuperação das obras de Júlia, nos permitiu uma maior compreensão da escritora em sua época, nos aproximando mais de suas idéias e práticas literárias, nos permitindo uma percepção das novas dinâmicas sociais, apontando para novos arranjos e confrontos dos pensamentos na sociedade e cultura de então.

A romancista relatava em suas obras o crescimento urbano e com ele, uma maior dinâmica de interlocução das mulheres junto à comerciantes, artistas, operários, engenheiros, médicos, jornalistas, educadores e pedagogos; os entretenimentos vinham através dos bailes, teatros, jantares e recepções. Enfim, a complexidade urbana impunha outra sociabilidade às mulheres, exercendo sobre elas, uma disposição para novas tarefas e vínculos. De acordo com nossa escritora, o saber científico traria às famílias e às mulheres (em particular), uma envergadura mais ajustada às condições da vida moderna com vistas a uma sociedade mais saudável e comprometida com o conhecimento, distanciando-se do legado passado de superstições e ignorância.

Na direção de constituir uma sociedade mais saudável a partir de avanços científicos, nossa autora acreditava que as reformas urbanas, principalmente aquelas ligadas à infra-estrutura da cidade, fossem necessárias para se alcançar a salubridade e impedir os avanços das epidemias que assolavam o país desde o século XIX. A insalubridade não comprometia apenas o desenvolvimento econômico do país, mas também a saúde pública e o desenvolvimento intelectual de sua população. Para tanto, os agentes públicos, como engenheiros de obras, professores, pedagogos, intelectuais e fundamentalmente os médicos, se tornariam os principais interlocutores entre Estado e a população.

Vimos que no conjunto das obras de nossa autora, esta objetivou alcançar fundamentalmente dois públicos: as mulheres e as crianças. Sob expectativa positiva criada pela República, Júlia Lopes, sensibilizada por seus ideais formativos, vislumbrou nas mulheres e nas crianças, os segmentos ideais para constituição da Nação. A partir das escolas as crianças se tornariam cidadãos, com a oferta de novos conteúdos de formação moral, ética e patriótica; em contrapartida, as mulheres casadas ou solteiras,

abririam espaço para novos interlocutores com a finalidade de instruir-se e, engendrariam novos preceitos morais através da maior presença dos médicos, representantes do pensamento científico para a escritora.

Jurandir Freire, ao analisar as transformações do comportamento familiar no início do século XX, nos adverte quanto à marcante presença dos médicos como novos interlocutores sociais, exercendo funções para além da medicina, mas regeriam através da higiene novos preceitos morais.

“A sociabilidade deveria encontrar um meio termo entre a estabilidade sentimental dos novos vínculos familiares e a cumplicidade com os interesses da cidade e do Estado. A higiene procurou encontrar este equilíbrio, construindo mapas de saúde por onde a família podia trafegar sem comprometer sua sanidade. Esta geografia médica tentava codificar e sinalizar higienicamente o espaço de sociabilidade que surgia no horizonte familiar, em substituição aos antigos locais de encontro e celebração”. (COSTA,1979:133)

Supostamente o ambiente de origem familiar de Júlia, e as correntes filosóficas de pensamento científico associados ao positivismo motivaram circunstancialmente nossa escritora em sua formação intelectual e convicções ideológicas quando jovem. No entanto, Júlia afastou-se gradativamente de tais idéias, registrando suas diferenças e críticas ao pensamento positivista ao desapontar-se com a República, que ainda muito recente, dava sinais de vícios políticos e praticas sociais antigas não correspondendo aos anseios da intelectual.

O romance *A casa verde* escrito em conjunto com Filinto em 1898-99 para o *Jornal do Comércio* dava o tom e dimensão dos abalos nas crenças destes autores e representação que faziam de sua época. Uma “casa” abandonada em ruínas com vestígios herdados de um “gosto” português nos azulejos que revestiam as paredes cobertas por limbo e heras. No imenso jardim da casa uma mulher fora assassinada e enterrada pelo próprio marido, deixando assim uma imagem de casa mal-assombrada para as pessoas da região.

A casa verde era a imagem que os autores faziam do Brasil, de heranças portuguesas, a República se erguia em seu terreno, porém, frágil, precocemente esmoreceu.

Os leitores eram introduzidos no romance com a apresentação da “casa”.

“A dois quilômetros da praia de Icarai, existia ainda nos primeiros anos da República uma casa que a gente do lugar tinha conta de mal-assombrada [...]. Dizia lenda que naquele sítio fora assassinada uma mulher, que o marido enterrara ainda agonizante plantando-lhe sobre a sepultura uma cruz feita com galho verde de figueira brava. Fôra dessa cruz tosca, fincada na terra pela mão de um pecador, que tinha rebentado a arvore que ali estava agora imensa e tenebrosa. Mais tarde, alguém, desejando converter essas terras inaproveitadas em lavouras férteis e parques amenos, construiu nelas um solar amplo e tranqüilo, bem pousado em formidáveis alicerces, bem definidos por paredes grossas.” (ALMEIDA, Júlia;1932: 5-6)

Em nosso trabalho buscamos entender como a recepção e conflitos dos intelectuais, em meio a um público ainda restrito de leitores no início do século XX, a quantidade de edições e reedições (mesmo ignorando o número de exemplares) se passaram nas obras de Júlia Lopes. Por exemplo, *Memórias de Marta*, teve quatro edições, três no século XX e uma no século XXI.

Conforme pesquisa realizada por Rosane Saint-Denis Salomoni na área literária, o romance foi publicado primeiramente no jornal *Tribuna Liberal*, no Rio de Janeiro de 03 de dezembro de 1888 a 17 de janeiro de 1889; a segunda edição, composta por mais três contos (*Nhá Tudinha*, *L'embaras Du chois* e *Prólogo de um romance*), foi publicado em Sorocaba pela editora Casa Durski em 1899; a terceira edição, revista pela própria escritora Júlia, foi feita em Paris em 1930, junto a Livraria Francesa e Estrangeira, Truchy-Leroy; quanto a última edição, esta foi em 2007, a partir das iniciativas de Rosane Saint-Denis, que preocupada com o resgate de escritoras brasileiras, dedicou-se no estabelecimento das obras de Júlia Lopes de Almeida detendo-se especificamente no romance *Memórias de Marta*.

Partindo desta questão, nos deparamos com a força das imagens e representações que a linguagem literária possuía apesar de tantas dificuldades que o ambiente intelectual oferecia aos seus próprios interlocutores.

Aqueles que escreviam digladiavam-se pelo espaço literário e como a comunidade de escritores, embora pequena, formavam-se grupos de afinidades literárias, ora atacando-se, ora elogiando-se mutuamente.

“Há quase tantos escritores como leitores, se não mais. Em país de instrução escassa e mofina e cultura sempre incipiente, onde 80% da população é analfabeta e o resto não lê ou lê somente jornais ou línguas estrangeiras, há nos 20% restante, pelo menos dez que são literatos, dos quais 6 ½ ou 7 são

poetas. Assim, não lhes sobram leitores, e eles se tem de ler a si mesmos ou entre si. O que se chama o público, esse não os lê".³

Júlia Lopes sentiu assim como seus pares, as rupturas nos costumes e tradições que acompanharam a sociedade brasileira desde a abolição, proclamação da República e vigência da mesma. A escritora teve como meio de participação nos acontecimentos de sua época, a oportunidade de escrever nos principais jornais do Rio de Janeiro, como *O Paíz*, e *Jornal do Comércio*, conhecidos por seu conservadorismo, [...] “lido pelos homens de classe, pelos políticos e tinha como traço apoiar todos os governos” (SODRÉ, 1977: 324), sendo que em seus romances e contos, a autora se declarou abolicionista, e profundamente preocupada com os descaminhos da recente República.

Júlia Lopes estimulou a leitura e escrita para mulheres, envolveu-se com as idéias e reflexões junto à educação infantil; promoveu salões literários em sua residência junto a artistas e escritores. Jornalista, romancista, contista e autora de peças de teatro junto ao seu marido Filinto, Júlia produziu intensamente no início do século XX ao lado de escritores consagrados – Graça Aranha, Euclides da Cunha, Silvio Romero, Olavo Bilac, João do Rio, Coelho Neto entre outros – transparecendo um profundo envolvimento com o pensamento intelectual de sua época.

Num aspecto mais amplo, Júlia Lopes possuía uma linguagem familiar e simples abordando temas como: dúvidas quanto ao comportamento político e social para com os costumes e tradições que compulsoriamente mudavam velozmente nos grandes centros urbanos; de postura reformista, acreditava nos projetos de modernização protagonizados pela ciência em seu estreito vínculo com a ordem social urbana e rural; em suas obras dirigidas para o público infantil, preocupou-se em apresentar as diferentes regiões e expressões culturais, pontuava valores cívicos e morais como forma de debater e conhecer os diferentes aspectos da Nação. Uma vez que os livros escolares existentes no Brasil, em sua maioria eram editados em Portugal, estes não atendiam aos interesses debatidos pelos intelectuais brasileiros que acreditavam numa educação de teor patriótico.

³ José Veríssimo. *História da literatura brasileira: Bento Teixeira, 1601, a Machado de Assis, 1908*. Brasília; Editora da UNB, 1961, p. 223, *apud* : Hélio Seixas Guimarães. *Os leitores de Machado de Assis. O romance machadiano e o público de literatura no século XIX*. São Paulo Edusp, 2004, p.74.

As alterações sociais pautadas pelo pensamento comteano, spenceriano e darwinista, existentes desde o século XIX, residiam nas reflexões e na divisão entre os diferentes grupos de nossos intelectuais. “O dilema de nossos intelectuais desta época é compreender a defasagem entre teoria e realidade, o que se consubstancia na construção de uma identidade nacional”. (ORTIZ;1989: 32)

Diríamos que além de desejar construir um sentimento nacional e a vontade de entender o que se passava na época, os intelectuais propagavam suas idéias e ampliavam seus rendimentos com a participação de artigos em jornais, escrevendo livros didáticos, montado salões literários e proferindo conferências remuneradas.

Segundo João do Rio as conferências “contagiaram” a Capital da República com temas curiosos e exóticos como, por exemplo: “a conferência de Sr. Bonfim, demonstrou através de uma ‘teoria científica e complicadíssima do ciúme” (MARTINS; 1978: 312).

A sociabilidade dos intelectuais também se dava nos encontros destas conferências, entrevistas, através de institutos literários, correspondências, editoras, saraus, e para os menos abastados em botequins, livrarias, bibliotecas, redação de jornais ou departamentos de repartições públicas.

Além de difundirem mais jornais, livros, o número de revistas que surgiram, descortinavam novos espaços para a produção e ganho dos intelectuais. *A Bruxa, Almanaque Literário de São Paulo, A Estação, A Família, Ilustração Brasileira, A mensageira, Revista do Brasil*, foram algumas das revistas das quais, Júlia contribuiu com artigos.

Como podemos verificar, os gêneros de revistas eram bem diversificados, demonstrando também, um ecletismo da autora, tanto nos ajustes dos conteúdos, como da forma, considerando que também para o público leitor em formação, as revistas cada vez mais ilustradas, eram uma novidade bem atraente.

Verificamos que o processo de publicação era recebido pela rede de sociabilidade dos intelectuais e de editores com o objetivo, de compreender a armação de uma trama

de necessidades, vaidades, disputas, inserção no mercado e diferenças de apreensão em sua contemporaneidade.

Bibliografia

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Memórias de Marta*. Santa Cruz do Sul. Edunisc. 2007.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A casa verde*. São Paulo. Companhia Editora Nacional. 1932.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro. Ed. Graal. 1979.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Vidas de romances*. Rio de Janeiro. Topbooks. 2005.

GUIMARÃES, Hélio Seixas. *Os leitores de machado de Assis. O romance machadiano e o público de literatura no século XIX*. São Paulo. EDUSP. 2004.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil (sua história)*. São Paulo. EDUSP. 1985.

LUCCA, Leonora De. *Feminismo e Iluminismo em Júlia Lopes de Almeida*. Ci&Top. Recife, vol.25. n 2 jul/dez.1997.

MACHADO, Ubiratan *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. Rio de Janeiro. Ed. UERJ. 2001.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira: 1897-1914*. Vol. 5, São Paulo. Cultrix. 1978.

NEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical*. São Paulo Cia. Das Letras. 1993.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo, Brasiliense, 1989.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira. Prosa de ficção, 1870-1920. 3 edição*. Rio de Janeiro. J. Olympio 1973.

RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro. Fundação Biblioteca Nacional, Dep. Nacional do Livro, 1994.